



Págs.
02 a 04

GRANDE ENTREVISTA

PEDRO PARREIRA

Promover os Açores nos 600 anos

O coordenador da Estrutura para a Comemoração dos 600 anos da Descoberta dos Açores destaca a oportunidade de projeção externa.

Pág.
05

CRISE NA HABITAÇÃO

Bruxelas cria regras para restrições

Proposta da Comissão, que segue para processo legislativo, clarifica quando podem existir restrições ao alojamento local e outras utilizações.

Pág.
06

EUA SOBRE A CONTAMINAÇÃO

“Levamos estas preocupações a sério”

Em declarações ao Expresso, a Força Aérea norte-americana garantiu que a saúde da comunidade nas Lajes é uma prioridade.

Pág.
09

ESTUDO CIENTÍFICO

Floresta dos Açores resiste à crise



DIÁRIO INSULAR

Pág.
08

Devoção continua a levar MILHARES de pessoas à Serreta

ESTE FIM DE SEMANA, TODOS OS CAMINHOS VÃO DAR À SERRETA. O SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DOS MILAGRES ESPERA RECEBER CERCA DE 12 MIL PEREGRINOS. COM A ABERTURA DA ESTRADA DO RAMINHO, AUMENTOU A AFLUÊNCIA DA ZONA OESTE DA ILHA.

FOTOGRAFIA: ANTONIO ARANJO (2021)

PUB.

O BANCO DA TUA ILHA, LEVA-TE ONDE QUISERES.

SOLUÇÕES PARA EDUCAÇÃO

CEMAH

Caixa Económica da Misericórdia de Angra do Heroísmo.
Caixa Económica Bancária, S.A., registada junto do Banco de Portugal com o nº 0059.





O coordenador da Estrutura de Missão para a Comemoração dos 600 anos da Descoberta e Povoamento dos Açores defende que este será um momento para celebrar as ilhas e a Diáspora. Também será tempo de promover a Região.

PEDRO PARREIRA, COORDENADOR DAS COMEMORAÇÕES DOS 600 ANOS DA DESCOBERTA DOS AÇORES

“Em 2027 os Açores estarão na moda e nas bocas do mundo”

QUE PRIORIDADES DEFINIU PARA OS PRIMEIROS MESES DE TRABALHO ENQUANTO COORDENADOR DA ESTRUTURA DE MISSÃO PARA AS COMEMORAÇÕES DOS 600 ANOS DA DESCOBERTA DOS AÇORES?

Os primeiros meses do trabalho para as Comemorações dos 600 anos da Descoberta e Povoamento dos Açores, doravante designadas como 600 anos, para simplificar caracteres, já passaram. Iniciámos esse percurso ainda em 2025, através do Gabinete de Estudos e Projetos da secretaria regional dos Assuntos Parlamentares e Comunidades. E a prioridade foi, desde o primeiro dia, a ambição de ir mais longe do que uma mera celebração da efeméride. Almejamos fazer deste momento um tempo de reflexão, valorização dos seis séculos da história do arquipélago e das suas comunidades espalhadas pelo mundo, e construção de um legado comum, para pensar o futuro a curto e médio prazo. Na sequência da formalização da Estrutura de Missão, concentramo-nos agora na criação de uma metodologia, com base na equipa que estará a trabalhar neste projeto, de forma a centrar o trabalho nos três grandes pilares deste projeto. Em primeiro lugar, o arquipélago e as suas gentes, com momentos e atividades de proximidade junto de cada comunidade açoriana, nas nove ilhas, descentralizando e demo-

cratizando este evento, para que todos possam encontrar-se com os seis séculos das suas raízes. Numa segunda vertente, a pedagogia não formal, que será essencial na preparação das novas gerações e que será prioridade, com a presença de um técnico na Estrutura de Missão dedicado, por inteiro, à concretização desse trabalho. Por fim, mas não menos importante, a dimensão global da açorianidade, dedicando um dos pilares da comemoração dos 600 anos à décima ilha, nas nossas comunidades já reconhecidas, e nas muitas que ainda estão por reconhecer, em territórios como o Alentejo, o Alasca, as Canárias ou Cabo Verde, por exemplo.

QUE CRITÉRIOS ORIENTARAM A ESCOLHA DOS TÉCNICOS E ESPECIALISTAS QUE VÃO INTEGRAR A ESTRUTURA?

A Estrutura de Missão integrará apenas quatro especialistas a tempo inteiro, cuja capacidade técnica e a ligação aos eixos temáticos descritos no ponto anterior assumiram-se como critérios decisivos. São profissionais com ligação à administração regional, que irão trabalhar nessa Missão durante os próximos dois anos, a título excecional, sem incremento remuneratório, e organizando uma equipa de trabalho capacitada para cumprir os objetivos centrais do projeto. Estes técnicos são especializados em



PEDRO PARREIRA. “A prioridade foi, desde o primeiro dia, a ambição de ir mais longe do que uma mera celebração da efeméride”

áreas nucleares para a concretização do projeto em áreas como a gestão de recursos humanos, a docência, a comunicação e a gestão de projetos. O acompanhamento científico será realizado por um Conselho Consultivo. A Estrutura de Missão formal é muito reduzida e qualificada. Por outro lado, a Estrutura será coadjuvada por profissionais de várias secretarias regionais e organismos públicos, a tempo parcial, uma vez que esta missão é arquipelágica e unificadora, procurando cumprir a valorização da nossa história, da nossa cultura e, principalmente, da identidade comum, transversal a todos os setores da administração pública. Acresce um grupo de colaboradores externos, consultores e académicos, voluntário – naturalmente, não remunerados – que irão constituir um eixo de ação que representa a dimensão comunitária do projeto. Não é possível imaginar a celebração dos Açores sem pensar na união

dos nossos povos. Qualquer celebração local, que todos bem conhecemos (como o Carnaval, o Espírito Santo ou as nossas muitas e diversificadas festas de Verão), só existe pela força do trabalho conjunto, e pelo nosso espírito resiliente e orgulho insular. Fica aqui o repto para que quem se queira juntar nos contacte. Teremos todo o gosto em ouvir todas as propostas e procurar soluções para as operacionalizar.

O GOVERNO REGIONAL AFIRMA QUE ESTAS COMEMORAÇÕES SERÃO “MUNDIAIS”. COMO VÃO ENVOLVER A DIÁSPORA E OUTRAS REGIÕES DO PAÍS?

Os Açores são, pela sua natureza atlântica, porto de escala mundial, onde os continentes se cruzaram, e continuam a cruzar. As nossas ilhas são, pela sua descoberta e povoamento, um espaço que mistura culturas e promove os benefícios da globalização. Ser açoriano é misturar influências e congregar identida-

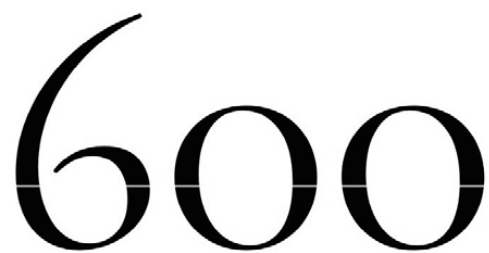
Das ilhas às comunidades

“Em primeiro lugar, o arquipélago e as suas gentes, com momentos e atividades de proximidade junto de cada comunidade açoriana, nas nove ilhas, des-centralizando e democratizando este evento, para que todos possam encontrar-se com os seis séculos das suas raízes. Numa segunda vertente, a pedagogia não formal, que será essencial na preparação das novas gerações e que será prioridade, com a presença de um técnico na Estrutura de Missão dedicado, por inteiro, à concretização desse trabalho. Por fim, mas não menos importante, a dimensão global da açorianidade, dedicando um dos pilares da comemoração dos 600 anos à décima ilha, nas nossas comunidades já reconhecidas, e nas muitas que ainda estão por reconhecer, em territórios como o Alentejo, o Alasca, as Canárias ou Cabo Verde, por exemplo”.

des numa só açorianidade que começa no mar, mas assenta no nosso basalto negro. Assim, as comemorações dos 600 anos são mundiais, por inerência. Mas serão, igualmente, um espaço de partilha com a nossa décima ilha, através dos contactos com a Diáspora, já iniciados ao longo dos últimos dezoito meses, e que agora procuraremos aprofundar.

São, ainda, um tempo de reforçar ligações institucionais a Portugal continental e à Madeira, abrindo, reabrindo e incrementando pontes e portas de diálogo, para refletir a nossa condição de ilhéus, e perceber o que desejamos para a nossa Autonomia e para a nossa insularidade nos seis séculos que seguem. Trabalhamos, neste momento, em

(CONTINUA NA PÁG.04)



anos descoberta dos Açores

1427 - 2027

600 ANOS. Estrutura está a estabelecer ligação com as várias comunidades com raízes açorianas, incluindo as menos evidentes

editorial

A SUBIDA DAS PASSAGENS AÉREAS

A Câmara de Comércio de S. Miguel tem fortes suspeitas de “cartelização” dos preços das passagens aéreas entre o continente e a Região, agora que a TAP e a Azores Airlines, depois da saída da Ryanair, estão sozinhas e são donas do pedaço. E pedem à Autoridade da Concorrência que analise os preços que ambas as companhias estão a praticar por comparação com os que praticavam quando uma “low-cost” voava para S. Miguel e Terceira.

A partir dos dados recolhidos, a estrutura representativa dos empresários micalenses conclui que a maioria das passagens com o continente (ida e volta) facilmente ultrapassa os 500 euros quando antes andariam pelos 200 euros. Dá mesmo como exemplo o preço médio de uma ligação entre S. Miguel e Cabo Verde, que demora o dobro de um voo com o continente, o custo de uma passagem rondar as duas centenas de euros. Afirma, finalmente, que não estranha o que está a acontecer e que tinha avisado que com a saída da “low-cost” o efeito moralizador no preço das passagens aéreas por parte dos restantes operadores desapareceria.

Quanto mais ampla é a concorrência maior vigilância há nos preços, sobretudo quando o mercado é escasso, como é o caso do mercado açoriano. Quando a disputa se resume a dois atores e ainda por cima quando voam em “code-share” (venda partilhada de bilhetes) é natural que a concorrência se esbata e que os preços praticados se aproximem em alta. Aparentemente, é o que está a acontecer.

Não estranhámos que assim seja, pois territórios insulares, dispersos e com reduzida população/mercado estão à mercê do ajustamento de preços em alta depois de uma aparente concorrência inicial em baixa. Lembramo-nos quando, há alguns anos, entrou na disputa do transporte marítimo de mercadorias entre o continente e os Açores uma terceira companhia que fez baixar significativamente o preço do contentor. Mas foi sol de pouca dura, tendo durado o tempo necessário a obter aquela que entendia ser a “sua” almejada quota de mercado. Depois disso acontecer, os preços voltaram a subir e a ser todos parecidos.

Afinal somos ou não partidários do mercado livre e da livre concorrência? Quando pura e cristalina obviamente que sim. Quando distorcida por divisão do “bolo”, obviamente que não, atenuada ou não, como no caso das passagens aéreas, por mecanismos de compensação que são retirados dos nossos impostos.

projetos que vão resgatar identidades perdidas, no restante país e no mundo. Trabalhamos em colaboração institucional com fundações, associações, consulados e embaixadas, para cimentar o ligante patrimonial material e imaterial que nos une a tantos países e nações. Desejamos que este seja o momento de reatar a ideia de que os Açores são Escala Universal do Atlântico, ponto de encontro de todos os que aqui vierem por bem.

QUE ETAPAS PRECISAM DE ESTAR FECHADAS ATÉ AO FINAL DO ANO?

Faltam três meses até ao final do ano, e 2027 será um ano inteiro dedicado às comemorações, ainda que as mesmas tenham já iniciado em 2026, formalmente, com vários eventos que temos promovidos ou que vamos ainda promover. Esse calendário está a ser compilado, para ter ativação nas redes sociais e num portal digital próprio, que desejamos que esteja em funcionamento até ao começo de outubro, e que ganhe um engajamento especial nos meses que se seguirão. O plano de comunicação é essencial. É preciso falar com todas as pessoas, desde as que já estão interessadas às que ainda alimentam dúvidas em relação à utilidade identitária, cultural e económica de comemorar esta efeméride. Desejamos que este seja um momento de diálogo, onde o cidadão retome o gosto pelas suas próprias ilhas, e onde as cisões ideológicas, partidárias e crenças individuais se esfumem numa união especial, em torno de seis séculos que fizeram das nossas ilhas e do nosso povo um caso de sucesso na primeira globalização europeia. Até ao final do ano desejamos ativar toda a equipa que falta, divulgar a metodologia de trabalho publicamente, colocar em funcionamento as redes sociais do projeto e iniciar o diálogo com as escolas, terminando as reuniões setoriais já em curso com os municípios açorianos. A 1 de janeiro de 2027, é nosso objetivo lançar a primeira de muitas atividades.

A SUA EXPERIÊNCIA EM ARQUEOLOGIA E PATRIMÓNIO É UMA MAIS-VALIA PARA O DESENHO DO PROGRAMA DAS COMEMORAÇÕES?

Pela sua natureza multidisciplinar, gosto de acreditar que a experiência em arqueologia é uma mais-valia para qualquer missão

e desafio. No caso das comemorações dos 600 anos, não tenho dúvidas que há uma componente que beneficia do olhar da arqueologia, não só porque é uma ciência humana, mas também porque permite ao investigador ir para além do contexto oficial e elitizado, explorando o objeto em todas as suas valências. Neste caso, o objeto dos 600 anos será explorado na sua componente histórica, mas também social, comunitária, económica e de futuro. Quanto ao património cultural, esta comemoração é, inerentemente, um momento de honrar a nossa identidade, pelo que é uma missão dedicada ao património imaterial onde assenta o espírito da açorianidade.

AS COMEMORAÇÕES COMEÇAM E TERMINAM EM SANTA MARIA. QUAL SERÁ O PAPEL DE TODAS AS ILHAS E DA TERCEIRA EM PARTICULAR?

Celebrar 600 anos é celebrar todas as ilhas. Comemorar, pensar e promover. Todas as ilhas terão destaque. Essa é uma promessa que posso deixar com a certeza de que tudo farei para a cumprir. Santa Maria, pela sua existência geográfica, e por ter sido a primeira a ser assinalada, começou já um programa municipal de grande mérito, ao qual se juntará o programa desta Estrutura de Missão. Mas todas vão contar com atividades, em múltiplas naturezas e vertentes. No caso da ilha Terceira, os dois executi-

vos municipais foram já contactados, e manifestaram interesse e disponibilidade em colaborar, integrando ações nos seus programas para 2027. A presidente da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo já anunciou os 600 anos como tema das próximas Sanjoaninas. E julgo não cometer uma inconflidência ao referir que ainda no Outono Vivo deste ano se iniciará a parceria com a Praia da Vitória. Há muito a explorar na Terceira, como em todas as ilhas. Claro que, pela sua natureza de baía, é em Angra que vamos mergulhar num dos projetos estruturais desta Missão, que é o de valorizar o Mar Cultural, pensando um Museu Nacional em contexto Regional, em articulação com a vontade da comunidade açoriana, já plasmada na Iniciativa Popular apresentada à nossa Assembleia e que agora se encontra em discussão na República.

EXISTEM CRÍTICAS A POTENCIAL GASTO EXCESSIVO NESTAS COMEMORAÇÕES. COMO RESPONDE?

É natural que se procurem críticas, e a melhor resposta às mesmas é o trabalho, com transparência, justiça e a ambição de dar os Açores a conhecer, aos açorianos e ao resto do mundo. Não acredito que os gastos que valorizem a nossa identidade possam ser excessivos. Mas neste caso as críticas não fazem sentido a esse nível. Reduzi o meu vencimento pessoal, ao aceitar o

cargo de coordenador da Estrutura de Missão. Os técnicos já integram a administração regional e vão continuar a auferir os mesmos vencimentos. As Casas dos Açores, os municípios da diáspora, da região e do país, a Universidade dos Açores, misericórdias, fundações e outras entidades de natureza muito diversa suportarão o essencial das ações que vão desenvolver. As críticas a esse nível não encontram fundamento. E afirmo, sem dúvida, que este projeto vai ser feito em rede, com muitas parcerias, que vão ajudar a diminuir custos e aumentar a nossa comunhão com as pessoas que queremos que sejam o centro da missão. Na Ribeirinha, onde cresci, sempre ouvi dizer que se todos ajudarem uma coisinha, o trabalho pesa menos (e custa menos).

ESTE PODE SER, COMO JÁ DEFENDEU O SECRETÁRIO REGIONAL PAULO ESTÊVÃO, UM MOMENTO DE EXCELÊNCIA PARA UMA GRANDE PROMOÇÃO DOS AÇORES?

Sem dúvida. Faremos o melhor que conseguirmos. E se tivermos sucesso, creio que este será o momento de evidenciarmos os Açores, o que são e o que podem ser, para que toda a gente aprenda ou reaprenda a gostar destas nossas nove ilhas, centro do mundo atlântico e plataforma de união de muitos outros mundos. Em 2027, os Açores estarão na moda e nas bocas do mundo.



PEDRO PARREIRA. “É em Angra que vamos mergulhar num dos projetos estruturais desta missão, que é o de valorizar o Mar Cultural, pensando um Museu Nacional em contexto Regional”